

*A Transcendência do Ego:*  
**Uma Crítica à Concepção Tradicional da relação Eu/Consciência<sup>1</sup>**

*The Transcendence of the Ego:*  
*A Critique of the Traditional Conception of the Self/Consciousness Relationship*

Luiz André Colonetti Bet<sup>2</sup>Fábio Caires Correia<sup>3</sup>

**RESUMO:** Com a descoberta do conceito de intencionalidade na fenomenologia de Husserl, surge um novo campo de investigação filosófica que redefine o conceito de consciência para Sartre. Esse desenvolvimento ocorre ao longo das obras que antecedem *O Ser e o Nada*, com *A Transcendência do Ego* marcando o ponto de partida desse movimento. A intencionalidade da consciência sugere que esta não é um "lugar" ou "fundo" onde as representações acontecem, mas sim o próprio ato de representar. Nesse sentido, tanto o texto em questão, objeto deste estudo, quanto outras obras filosóficas anteriores à *O Ser e o Nada* contribuem para o entendimento do conceito de consciência para Sartre, estabelecendo as bases epistemológicas que sustentarão seu pensamento existencialista. A defesa da existência externa do Ego em relação à consciência torna-se crucial para a construção e fundamentação desse conceito, e, por conseguinte, de seu sistema filosófico como um todo. Nesse sentido, por meio de uma leitura crítico-interpretativa de *A transcendência do Ego*, pretendemos aqui compreender os primeiros movimentos de sua filosofia condição *sine qua non*, a nosso ver, para uma compreensão mais profunda de seu pensamento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Intencionalidade, Consciência, Cogito pré-reflexivo, Ego.

**ABSTRACT:** With the discovery of the concept of intentionality in Husserl's phenomenology, a new field of philosophical investigation emerges that redefines Sartre's concept of consciousness. This development occurs throughout the works that precede Being and Nothingness, with The Transcendence of the Ego marking the starting point of this movement. The intentionality of consciousness suggests that it is not a "place" or "background" where representations occur, but

---

<sup>1</sup> Este trabalho é uma versão corrigida e ampliada de um dos capítulos da dissertação de mestrado, com o título *Ipseidade e Alteridade em Sartre* defendida em 2015, no Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

<sup>2</sup> Graduado em Filosofia Pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Mestre em Filosofia, com foco em Existencialismo Francês, pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Graduando em Licenciatura em Geografia pela Universidade Estadual Paulista - Júlio de Mesquita Filho (Unesp-Rio Claro-SP) ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-6385-4222> E-mail: [luiz.bet@unesp.br](mailto:luiz.bet@unesp.br)

<sup>3</sup> Professor assistente na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Campus Rio Claro (UNESP, Rio Claro). Doutor em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1768-3720> E-mail: [fabio.caires@unesp.br](mailto:fabio.caires@unesp.br)

**Revista Interdisciplinar**

rather the act of representing itself. In this sense, both the text in question, the object of this study, and other philosophical works prior to *Being and Nothingness* contribute to the understanding of Sartre's concept of consciousness, establishing the epistemological bases that will support his existentialist thought. The defense of the external existence of the Ego in relation to consciousness becomes crucial for the construction and foundation of this concept, and, consequently, of his philosophical system. In this sense, through a critical-interpretative reading of *The Transcendence of the Ego*, we intend here to understand the first movements of his philosophy, a *sine qua non* condition, in our view, for a deeper understanding of his thought.

**KEYWORDS:** Intentionality, Consciousness, Pre-reflective Cogito, Ego.

## 1. INTRODUÇÃO

A obra *A Transcendência do Ego* marca um ponto de inflexão crucial na evolução do pensamento filosófico de Sartre, especialmente no contexto das obras que precedem *O Ser e o Nada*. Investigaremos de que forma o autor nega a existência de um Eu que unifique ou até mesmo fundamente a consciência. O Ego está fora, no mundo, é apreensível para uma consciência que o objetiva da mesma forma como uma caneta, ou uma caneca de café... é apenas mais “*uma coisa entre coisas*” (Sartre, 2005, p. 55.). Em vez disso, Sartre argumenta que o ego deve ser compreendido como um objeto transcendente à consciência, em vez de um componente interno desta. Além disso, afirma que não existe este “interior”, fato este que revela a importância deste movimento epistemológico, que continuará a ser desenvolvido em todo o ciclo de obras até *O Ser e o Nada*, sendo a “*expulsão do eu na consciência*” o passo inaugural deste movimento.

A crítica de Sartre ao ego transcendental é sustentada pela sua distinção entre dois tipos de consciência: a consciência irrefletida e a consciência reflexiva. A consciência irrefletida é aquela que se dirige diretamente ao objeto sem se objetivar, enquanto a consciência reflexiva é aquela que volta sobre si mesma e cria um ego. Sartre argumenta que o ego surge apenas na consciência reflexiva e não na irrefletida, a qual opera sem a necessidade de um ego para sua função. Assim, a ideia de um ego transcendental é não apenas desnecessária, mas prejudicial, pois introduz uma opacidade desnecessária à clareza da consciência.

A obra *A Transcendência do Ego* também reflete uma crítica ao neokantismo francês, que procurava estabelecer uma base transcendental para a constituição empírica da consciência. Sartre, por sua vez, rejeita a ideia de um ego transcendental kantiano como formal e insuficiente para explicar a presença factual do eu na consciência. Para ele, a fenomenologia oferece uma abordagem

**Revista Interdisciplinar**

mais adequada, ao descrever a consciência não como um conjunto de possibilidades de experiência, mas como um fato absoluto que pode ser descrito diretamente através da redução fenomenológica. Essa abordagem também implica uma crítica à uma certa concepção epistemológica típica do idealismo que tenta reduzir o ser ao conhecimento. A consciência, segundo Sartre, deve ser entendida como um fluxo contínuo que unifica a si mesma, não como uma série de consciências atômicas. A consciência é, portanto, um absoluto translucido para si mesma, onde a única opacidade percebida é o objeto ao qual se dirige.

A análise de Sartre também abrange a crítica à visão de uma consciência como suporte inconsciente das ações e desejos. Ele refuta a ideia de que um Eu material seja o polo originário de todas as ações da consciência, argumentando que a consciência tem uma relação direta com o seu objeto, e não com um impulso proveniente de um ego inconsciente. Abordaremos em suma, como se desenvolve essas linhas argumentativas e como o autor as sustenta, de forma a compreendermos como se dá a construção egóica no pensamento de Sartre.

**2. A CONSCIÊNCIA**

Em *A Transcendência do Ego*, Sartre apresenta uma das principais teses de sua filosofia da consciência: a negação de um interior psicológico. Ao defender que o Ego é uma estrutura transcendente, Sartre rompe com a tradição filosófica que concebia a consciência como um recipiente de ideias e sensações. Essa recusa de um interior da consciência é fundamental para compreender a constituição da consciência empírica em sua filosofia.

Porque visa essa constituição, Sartre procura tornar claro, de início a perspectiva que ela deve ser pensada. Daí por que, nosso filósofo ajusta as contas com o neokantismo francês, que, numa perspectiva crítica, procura igualmente pela maneira segundo a qual o transcendental constitui o empírico. (Moutinho, 1995b, p. 25.)

Se a consciência é um fato absoluto, a investigação sobre suas condições de possibilidade não pode esclarecer a natureza do Eu como sujeito da experiência. O Eu transcendental kantiano, enquanto condição de possibilidade do conhecimento, é um conceito a priori e formal, distinto do Eu empírico, que é o sujeito da experiência concreta. A tentativa de reduzir o Eu transcendental às condições empíricas da experiência seria uma distorção da filosofia kantiana. “O problema da crítica é um problema de direito, Kant nada afirma sobre a existência de fato do Eu penso” (Sartre, 1994, p. 183). Enquanto o 'Eu' empírico é moldado pelas nossas experiências e relações com o

**Revista Interdisciplinar**

mundo, o 'Eu' transcendental de Kant é uma estrutura formal e universal da mente. A consciência real, com suas qualidades subjetivas e particulares, é essencial para compreender o 'Eu' empírico, mas está ausente na concepção kantiana.

Nesse sentido, a fenomenologia emerge como o método mais indicado para investigar a presença concreta do Eu na consciência. Ao contrário de abordagens que reduzem a consciência a processos lógicos e mensuráveis, a fenomenologia defende que a consciência é uma experiência vivida e intencional. A impossibilidade de fundamentar o próprio conhecimento, um ponto central da crítica de Sartre em *O Ser e o Nada*, evidencia a limitação de teorias que priorizam o conhecimento como ponto de partida para a compreensão da consciência.

Se, de fato, toda metafísica, presume uma teoria do conhecimento, em troca toda teoria do conhecimento presume uma metafísica. Significa, entre outras coisas, que um idealismo empenhado em reduzir o ser ao conhecimento que dele se tem deve, previamente, comprovar de algum modo o ser do conhecimento. Ao contrário, se começarmos por colocar o ser do conhecimento como algo dado, sem a preocupação de fundamentar seu ser, e se afirmamos em seguida que esse est percipi, a totalidade 'percepção-percebido', não sustentada por um ser sólido, desaba no nada. Assim, o ser do conhecimento não pode ser medido pelo conhecimento: escapa ao percipi. (Sartre, 1997, p. 21.)

Diferentemente de outras abordagens que veem a consciência como um conjunto de possibilidades, a fenomenologia a considera uma realidade absoluta e imediata. Através da descrição fenomenológica, podemos revelar a estrutura essencial da consciência, não como um conjunto de condições lógicas, mas como um modo de ser que constitui nossa experiência do mundo.

Entretanto, as primeiras interpretações da fenomenologia husserliana já revelavam nuances e divergências em relação à formulação original:

[Husserl] retomou, nas *Ideen*, à tese clássica de um Eu transcendental que estaria como que por detrás de cada consciência, que seria uma estrutura necessária dessas consciências cujos raios cairiam sob cada fenômeno que se apresentasse no campo da atenção. Assim, a consciência transcendental torna-se rigorosamente pessoal. Esta concepção é necessária? É ela compatível com a definição que Husserl dá de consciência? (Sartre, 1994, p. 186).

A ênfase nessa ressalva é justificada pela necessidade de preservar um dos pilares da fenomenologia: a intencionalidade da consciência. Ao refutar o Eu transcendental, Sartre argumenta que essa noção, decorrente da própria definição de consciência como intencional, torna-se dispensável e até mesmo contraproducente para o desenvolvimento da fenomenologia. Tal postura evita a retomada de antigas controvérsias, como a busca por uma fundamentação transcendental do sujeito, característica da filosofia kantiana.

**Revista Interdisciplinar**

Primeiro, as possibilidades de apreensão de um objeto pela consciência são infinitas. A unificação dessas diversas consciências do objeto não ocorre internamente à experiência subjetiva, mas é atribuída ao objeto em si. Essa unidade não é uma propriedade inerente à consciência, mas uma característica transcendente do objeto, que se apresenta como uma entidade única e indivisível, independentemente das múltiplas perspectivas sob as quais é observado.

Podemos encontrar esse argumento apresentado novamente na introdução do livro *O Ser e o Nada*, quando Sartre trata do *dualismo entre finito e infinito* (Sartre, 1997, pp. 17-18). Aqui, a unidade de um objeto se manifesta em suas diversas aparições, mas transcende cada uma delas. A relação entre essas aparições revela uma unidade subjacente que não se reduz a nenhuma delas em particular. Essa unidade, portanto, não é um produto da nossa experiência, mas uma característica intrínseca à própria coisa, que se mostra através de suas múltiplas manifestações.

Por outro lado, ao invés de uma série de 'fotos instantâneas' da consciência, temos um filme contínuo onde cada quadro se conecta ao anterior. A consciência se unifica em si mesma ao ser, ao mesmo tempo, autoconsciente e consciente dos objetos. Essa autoconsciência, como um eixo central, permeia todas as experiências, desde a percepção de um objeto até a reflexão sobre si mesma. Essa unidade não é quebrada pela diversidade das experiências, mas, ao contrário, é fortalecida por ela. A consciência, portanto, se revela como um todo indivisível e transparente, onde a única 'sombra' é projetada pelos objetos externos.

Neste sentido, o *Eu transcendental* husserliano, acusa Sartre, é, “*além de supérfluo, funesto*” (Sartre, 1994, p. 188), pois a tentativa de unificar a consciência, ao introduzir um elemento de reflexão ou um 'Eu' externo, paradoxalmente fragmentaria essa mesma consciência. Em vez de uma unificação, haveria uma cisão, com a consciência sendo separada de si mesma por um ato de auto-observação.

A ruptura com Husserl representa uma verdadeira revolução na fenomenologia de Sartre. Ao negar a existência de um Eu transcendental, Sartre busca uma compreensão radicalmente nova da consciência, livre das amarras da subjetividade. Essa operação é fundamental para revelar a natureza autêntica da consciência, como uma realidade dinâmica e aberta ao mundo, que se constitui nas relações com os outros e com o mundo.

A intencionalidade da consciência, como vimos no primeiro argumento, é central para a compreensão da filosofia sartriana. Ao afirmar que a consciência é sempre intencional, Sartre não

**Revista Interdisciplinar**

apenas descarta a necessidade de um Eu transcendental, mas também revela a natureza dinâmica e ativa da consciência. Cada ato de consciência é uma forma de "alcançar" o mundo, de atribuir significado aos objetos e de construir nosso próprio entendimento da realidade. A intencionalidade, portanto, é o que nos permite compreender como a consciência se relaciona com o mundo e como construímos nosso sentido de identidade.

A consciência, ao se relacionar com um objeto, cria um paradoxo: ela se conhece ao mesmo tempo em que se desconhece. Um "eu" transcendental, por ser ele próprio um objeto potencial da consciência, seria percebido de forma fragmentada, nunca como um todo coeso. Essa auto-observação revela a natureza opaca da consciência, que, por mais que busque a transparência, sempre se esconde em parte de si mesma. Quando a consciência se volta para si mesma como objeto, ela opera de maneira distinta, adotando uma postura reflexiva que contrasta com a experiência imediata do mundo.

Husserl é o primeiro a reconhecer que um pensamento irrefletido sofre uma mutação radical ao se tornar refletido. [...] A reflexão modifica a consciência espontânea. Visto que, portanto, todas as recordações não-reflexivas da consciência irrefletida me mostram uma consciência sem Eu, visto que, por outro lado, considerações teóricas, baseadas na intuição de essência da consciência, nos levaram a reconhecer que o Eu não podia fazer parte da estrutura interna das *Erlebnisse*, temos, portanto, que concluir: não há Eu no plano irrefletido. (Sartre, 1994, p. 191)

A consciência oscila entre dois estados: a consciência irrefletida, voltada para o mundo exterior, e a consciência reflexiva, voltada para si mesma. Ao se tornar objeto de sua própria reflexão, a consciência revela uma dualidade fundamental: a consciência como experiência imediata e a consciência como objeto de conhecimento. Em ambos os casos, o 'Eu' pensante é o sujeito dessa consciência.

Podemos nos lembrar, tanto de determinada situação por ela mesma, quanto de nós mesmos naquela determinada situação. Diz Sartre que “*tal é a garantia de fato da afirmação kantiana de direito*” (Sartre, 1994, p. 190). Assim, a apreensão de uma consciência por outra instaura um movimento reflexivo no qual uma consciência transcende a si mesma ao tomar outra como objeto. Nessa dinâmica, a consciência refletida é a que se apresenta como objeto, enquanto a consciência reflexiva é a que realiza a operação de reflexão. No entanto, ao buscarmos o 'Eu' da consciência reflexiva, ela própria se torna objeto de uma nova reflexão, evidenciando que o 'Eu' é uma característica inerente à consciência que é transcendida. Assim, toda consciência, em sua essência, transcende a si mesma e não se reduz a um objeto de si mesma.

### 3. O COGITO PRÉ-REFLEXIVO

Há um fato fundamental que a análise da formulação kantiana do Eu acaba revelando: a diferença entre a questão da existência factual ou de direito de um Eu na consciência revela uma característica importante sobre a natureza do Eu: quando Kant afirma que o *Eu deve poder* acompanhar cada uma de nossas representações, isso não quer dizer que factualmente ocorre. Em outras palavras, a verificação sempre ocorre através de uma atividade específica da consciência: a reflexão. A reflexão é uma atividade da consciência que coloca a si mesmo como objeto, mas uma consciência já ocorrida, onde objeto é a própria consciência refletida. Diferente da consciência irrefletida, espontânea, que se dirige diretamente ao seu objeto não possui e não é fundamentada por um Eu. Mas dirá Sartre que *“toda consciência irrefletida, sendo consciência não-tética dela mesma, deixa uma lembrança não-tética que se pode consultar”* (Sartre, 1994, p. 192). Podemos constatar empiricamente que é possível vivenciar uma situação sem, ao mesmo tempo, se colocar como um elemento ativo nessa situação. Ao ler um livro, por exemplo, somos capazes de acompanhar a narrativa, compreender o significado das palavras, mas não refletimos sobre o fato de estarmos lendo naquele exato momento. Somente quando nos questionamos sobre essa atividade é que nos damos conta de que estamos imersos na leitura. Essa experiência, que Sartre chama de lembrança não-tética, revela a ausência de um 'Eu' reflexivo na consciência irrefletida, ou seja, naquele momento em que não estamos nos observando enquanto leitores. Essa distinção entre a consciência irrefletida e a reflexiva evidencia que a reflexão sobre nossas próprias ações é um processo posterior e distinto da experiência imediata.

Mas é preciso atentar também para o caráter reflexivo do cogito, isto é, para o fato de que se trata de uma consciência 'de segundo grau'. [...] Se o cogito é obtido como resultado da reflexão, então o Eu do 'Eu penso' é o eu da consciência refletida e não da consciência reflexionante, isto é, o Eu afirmado no cogito é o Eu que aparece como objeto para a consciência reflexionante. Há, portanto, razões para distinguir pelo menos dois níveis: Consciência irrefletida, que é apenas consciência do objeto transcendente. Consciência reflexionante, que reflete sobre a consciência irrefletida. (Silva, 2004, p. 40.)

Quando comparamos o cogito cartesiano com a formulação "pré-pessoal" ou pré-reflexiva de Sartre, uma diferença fundamental se revela. Para Descartes, a existência de um "Eu" que pensa é uma constatação irrefutável. Sartre, por sua vez, propõe uma distinção entre o "Eu" e o ato de pensar. Ele argumenta que o pensar precede a reflexão e existe independentemente da nossa capacidade de nos tornarmos conscientes de nós mesmos como sujeitos que pensam. Essa atitude

**Revista Interdisciplinar**

reflexiva, que nos permite apreender o "Eu" pensante, é o que Sartre denomina cogito de segundo grau. O cogito pré-reflexivo, por sua vez, é a condição de possibilidade para o surgimento do cogito cartesiano. Ele é pré-pessoal porque não pressupõe a existência de um "Eu" já constituído e é a partir desse estado de consciência irrefletida que a reflexão se torna possível. Esse cogito pré-reflexivo poderia se exprimir sob a forma “há pensamento”.

O Eu transcendente deve cair sob o golpe da redução fenomenológica. O Cogito afirma demais. O conteúdo certo do pseudo ‘Cogito’ não é ‘eu tenho consciência desta cadeira’, mas ‘há consciência desta cadeira’. Este conteúdo é suficiente para constituir um campo infinito e absoluto de pesquisas para a fenomenologia.” (Sartre, 1994, p. 196.)

A partir da estrutura intencional da consciência, uma análise aprofundada revela a existência de um 'Eu' que se manifesta na atitude reflexiva. Esse 'Eu' não é um elemento intrínseco à própria consciência, mas sim um ser que transcende a ela, existindo no mundo. A reflexão nos permite apreender esse 'Eu' como um objeto, ainda que de natureza peculiar. Sartre, ao criticar a tendência de reduzir o 'Eu' a um mero conteúdo da consciência, busca preservar a autonomia da consciência, defendendo que ela não se esgota em suas próprias representações.

A conjectura rejeitada por Sartre postula a existência de um "Eu" material primordial, origem de todas as ações da consciência. Cada ação consciente teria como propósito final a satisfação dos desejos desse "Eu", que seria a fonte primária desses desejos. Por ser o fundamento da consciência, esse "Eu" seria incognoscível pela própria consciência, permanecendo, assim, inconsciente a si mesmo. Sartre designa esses teóricos como “*moralistas do amor-próprio*” (Sartre, 1994, p. 197), uma vez que suas teorias se baseiam na satisfação dos desejos desse Eu.

Contrariando a ideia de que a consciência se volta para um objeto apenas por suas características desejáveis, Sartre defende uma relação mais profunda e imediata entre a consciência e o objeto. Para ele, o desejo não é um mecanismo interno que utiliza a consciência como ferramenta, mas sim a própria consciência se posicionando em relação ao objeto. Essa relação direta e intencional, característica da consciência, é o que Sartre chama de intencionalidade.

Assim, não é o estado subjetivo o que move meu desejo, mas o objeto desejável; vê-se aqui o uso que faz Sartre do conceito de intencionalidade: a consciência se transcende em direção ao objeto, isto é, o meu desejo é ‘centrífugo’, é Pedro mesmo quem me aparece como ‘devendo ser socorrido’. Mas ainda, se não há um Eu no plano irrefletido, se é o desejável que move o desejante, se esta estrutura se basta, então a dor de Pedro me aparece como a cor deste tinteiro. [...] O atraente, o amável, o terrível são propriedades da coisa mesma, não a soma de reações subjetivas. (Moutinho, 1995b, p. 37.)

**Revista Interdisciplinar**

A unificação e fundamentação da consciência não dependem da existência de um "Eu". Sartre rejeita tanto o "Eu" transcendental quanto o "Mim" como elementos essenciais da consciência. Os chamados "moralistas do amor-próprio" argumentam que o "Mim" é o motor inconsciente que impulsiona o ato de consciência. No entanto, essa perspectiva falha ao não distinguir os dois modos de consciência: a refletida e a reflexiva. Essa falha leva à crença de que o "Mim" e seus objetos de desejo só podem ser apreendidos através da reflexão, atribuindo ao refletido uma prioridade ontológica em relação ao irrefletido.

O 'Eu' não se identifica com todas as suas representações. Embora possamos imaginar um estado de reflexão sem uma consciência prévia, é impossível atribuir a essa reflexão uma existência anterior à consciência irrefletida. A razão é simples: a consciência irrefletida é autossuficiente e pode existir sem ser objetivada, enquanto a consciência reflexiva, por definição, depende de algo que seja refletido, ou seja, de uma consciência irrefletida.

A natureza da consciência que deseja é buscar algo além de si mesma, direcionando-se para a qualidade desejável presente no objeto. Essa busca transcendente só se torna objeto de nossa própria consciência quando paramos para refletir sobre nossos desejos. No exemplo de socorrer Pedro (Sartre, 2010, p. 198), a ação inicial é motivada por um desejo puro de ajudar, sem que haja uma análise sobre as motivações por trás desse desejo. É somente quando refletimos sobre esse ato que surge a noção de um 'eu' que busca satisfação através desse ato de ajudar. No entanto, esse desejo que se volta para si mesmo é considerado 'impuro' por Sartre, pois seu foco não está mais na qualidade transcendente do objeto (ajudar Pedro), mas sim na própria consciência que deseja ajudar.

Assim como na objeção do Eu formal, encontramos aqui uma consciência inicialmente voltada para o objeto, sem reflexão sobre si mesma. Somente a partir do olhar de outra consciência é que ela se torna um Eu. Essa similaridade estrutural demonstra que Eu e Mim são, na verdade, a mesma coisa, apenas observados sob diferentes perspectivas. Sartre os define como os correlatos noemáticos das ações e dos estados da consciência, respectivamente. A Fenomenologia se concentra nos atos intencionais (Eu), enquanto a Psicologia, nas experiências subjetivas (Mim). Tendo estabelecido a transcendência do Eu, ou seja, sua não-identidade com a consciência pura, resta-nos investigar como esse Ego se constitui.

#### 4. EGO: O POLO UNIFICADOR DAS VIVÊNCIAS

Estados, ações e qualidades são transcendententes. Esses três elementos transcendententes são aquilo que compõem a psique, que por sua vez, segundo o autor, é o objeto por excelência da Psicologia (Moi). Com esses elementos “o Ego aparece à reflexão como um objeto transcendente que realiza a síntese permanente do psíquico. O Ego está do lado do psíquico” (Sartre, 1994, p.207). Contudo, a distinção entre a estrutura do Ego e a consciência torna-se evidente quando analisamos as consciências irrefletidas. Anteriormente, observamos que essas consciências, em seu estado espontâneo, não apresentavam um "Eu" como centro. Além disso, elas podiam servir como objetos para uma consciência reflexiva. Agora, compreendemos que é justamente ao se tornarem objeto desse tipo de reflexão que essas consciências irrefletidas se constituem no que Sartre denomina psíquico: o Ego. Assim, podemos aprofundar nossa compreensão sobre a natureza dos estados, ações e qualidades e como eles se relacionam com essa estrutura egológica.

O estado pode ser compreendido como uma entidade que ultrapassa a consciência individual e momentânea. Ao tomarmos o ódio como exemplo, percebemos que ele não se limita à experiência imediata de repulsa. O ódio se estende para além desse momento, conectando-se a outras experiências semelhantes do passado e projetando-se para o futuro. Essa capacidade de transcender o momento presente é possível graças à nossa capacidade de reflexão. Ao refletir sobre nossas experiências, somos capazes de estabelecer conexões entre elas e criar um estado mais abrangente e duradouro. Dessa forma, mesmo quando a consciência objetiva de repulsa já não está mais presente, o estado de ódio permanece, evidenciando sua natureza transcendente e reflexiva.

Ao refletirmos sobre a repulsa, nossa consciência se volta para a própria experiência, mas sem fixar-se em um objeto específico. Essa reflexão é como um espelho que nos mostra a emoção sem distorções. No entanto, quando passamos para o estado de ódio, a reflexão adquire uma nova dimensão. A repulsa inicial se transforma em um objeto de análise, um fenômeno a ser compreendido. Essa objetivação do sentimento faz com que o ódio se apresente como algo mais complexo e menos transparente, com diversas facetas que podem ser exploradas. Enquanto a repulsa é uma experiência direta e imediata, o ódio é um estado mais elaborado, que envolve uma série de processos cognitivos e emocionais.

Ao examinar as ações, o autor se dedica a estabelecer uma ontologia da consciência que a afirme como um fenômeno exclusivamente transcendente, ou seja, voltado para o mundo e para

**Revista Interdisciplinar**

os outros. Essa postura o leva a negar qualquer interioridade psicológica na qual um ego possa se refugiar. A consciência espontânea, direcionada a um objeto exterior, serve como ponto de partida para essa análise. No entanto, a novidade reside na afirmação de que a consciência reflexiva, que se volta para si mesma, também é transcendente. A reflexão, para Sartre, não é um ato introspectivo, mas sim uma prática concreta, temporal e inserida no mundo. Ela articula e sintetiza diversas consciências espontâneas, tornando-se parte integrante da totalidade da experiência. Ao apreender essa totalidade, a reflexão não se isola dela, mas partilha da mesma transcendência.

As qualidades podem ser entendidas como as unidades básicas que compõem nossos atos e estados mentais. Elas funcionam como um substrato, uma espécie de semente que, em condições propícias, germina em ações e sentimentos específicos. Por exemplo, a qualidade da irascibilidade predisporá alguém a agir com cólera, enquanto o ressentimento facilitará o surgimento do rancor. Assim como os estados mentais, como o ódio, são originados de experiências anteriores, as qualidades representam uma espécie de potencialidade psicológica que molda nosso comportamento.

As qualidades humanas não se limitam a ser meras possibilidades, mas possuem uma dimensão que as transcende, existindo em estado latente. Podemos, de forma simplificada, associar as qualidades ao caráter ou aos hábitos de um indivíduo. Vício, virtude, gosto, talento e tendência são exemplos dessas qualidades. É fundamental destacar, porém, que as qualidades não são determinantes absolutos de nossas ações. Ao contrário, elas funcionam como capacidades ou potencialidades que podem ser mobilizadas ou não. Nossas escolhas e ações encontram sua origem mais imediata em nosso 'eu' central, sem a necessidade de passar pelo filtro das qualidades.

O Ego, segundo Sartre, “*é a unificação transcendente espontânea de nossos estados e nossas ações?*” (Sartre, 1994, p. 210), mas a maneira como estes se engendram requer uma determinada atenção. O Ego não é uma entidade ontológica independente, mas sim um construto fenomenológico emergente da interação entre o organismo e o ambiente. Seus atributos não são intrínsecos, mas sim resultados de processos dinâmicos e interdependentes. Ao tentar reduzir o Ego a uma soma de partes, cometemos uma falácia de composição, ignorando a natureza holística e processual da consciência.

O ego, ao não se limitar aos seus estados e ações momentâneos, demonstra uma natureza transcendente e, portanto, infinita. A consciência reflexiva, ao voltar-se para si mesma, encontra

**Revista Interdisciplinar**

um objeto de estudo que, como qualquer outro objeto do mundo, se mostra insondável em sua totalidade. A cada nova reflexão, o ego se revela sob uma nova luz, sem que se esgote em nenhuma dessas aparições. Essa multiplicidade de perspectivas, no entanto, não anula a unidade do ego, que se mantém como um ponto de referência constante para a consciência.

Convém ressaltar que o Ego não é uma entidade pré-existente, mas sim um resultado contínuo da reflexão da consciência sobre si mesma. No entanto, essa construção ocorre de maneira oposta à nossa intuição: os estados mentais não são anexados a um Ego já formado. Ao contrário, os estados possuem uma prioridade ontológica, e é a partir deles, e das ações da consciência, que o Ego se constitui. Desse modo, o Ego se apresenta como um objeto da experiência, sendo passivo e receptivo aos estados mentais. Diz Sartre:

Ego é um objeto apreendido mas também constituído pela consciência reflexiva. É um lar virtual de unidade, e a consciência o constitui em sentido inverso aquele que segue sua produção real: o que é realmente primeiro são as consciências, por meio das quais se constituem os estados, depois, mediante os estados, o Ego. Mas como a ordem é invertida por uma consciência que se aprisiona no Mundo para escapar de si, as consciências são dadas como emanando dos estados e os estados como produzidos pelo Ego. (Sartre, 1994, p. 213)

Ao traçar uma ponte entre consciência e Ego através de estados e ações, Sartre nos mostra uma relação complexa e paradoxal. A consciência, sendo pura transparência, conhece a si mesma de maneira imediata. Já o Ego, enquanto objeto, se apresenta à consciência como uma entidade opaca e fechada em si mesma. No entanto, essa opacidade não é absoluta, pois o Ego só pode ser conhecido pela consciência através de uma relação de exterioridade, como se o Ego fosse um outro a ser observado e interpretado. Essa relação de estranheza e intimidade simultânea define a natureza do Ego na filosofia sartreana. A distinção entre consciência e ego é crucial para estabelecer os limites entre a fenomenologia, que se dedica ao estudo do transcendental, e a psicologia, que se concentra no psíquico. Ao purificar a consciência, a fenomenologia elimina a possibilidade de investigar uma vida interior, caracterizada por uma subjetividade psicológica e individual.

**5. CONCLUSÃO**

Ao desafiar a concepção tradicional do ego como um componente essencial e interno da consciência, Sartre redefine a estrutura da experiência consciente e estabelece novos parâmetros para a fenomenologia. Sua crítica ao conceito de ego transcendental, que não só revoga a ideia de um ego interno e unificador, mas também reforça a autonomia e a natureza intencional da

**Revista Interdisciplinar**

consciência. Há, portanto, uma recusa explícita da noção de um interior da consciência. Sartre, em *A Transcendência do Ego*, argumenta que a consciência não contém um ego interno, mas que o ego deve ser considerado um objeto transcendente à consciência. Esta perspectiva desafia a ideia de um ego imbuído na consciência como um princípio unificador. Em vez disso, Sartre afirma que a consciência é essencialmente voltada para o mundo exterior e que sua unidade se dá na própria consciência sem a necessidade de um ego interno. A consciência irrefletida, que se direciona diretamente ao objeto, opera sem a presença de um ego. Já a consciência reflexiva, por outro lado, cria e mantém um ego, mas este é considerado um produto da reflexão e não uma entidade constitutiva da consciência.

A crítica sartriana ao ego transcendental é também uma rejeição da abordagem neokantiana, que tentava estabelecer uma base transcendental para a constituição empírica da consciência. Sartre argumenta que o ego transcendental, tal como concebido por Kant, é meramente formal e não consegue explicar a presença real do eu na consciência. Esta abordagem reflete uma crítica à tentativa de reduzir o ser ao conhecimento, uma questão que Sartre explora mais profundamente em *O Ser e o Nada*. A visão fenomenológica de Sartre desconsidera a necessidade de uma base transcendental para explicar a consciência e enfatiza a natureza imediata e direta da experiência consciente.

Ao rejeitar a ideia de um ego transcendental, Sartre reflete sobre a criação do ego na consciência reflexiva, que ele considera um produto dos estados e ações da consciência. O ego é visto como um objeto para a consciência reflexiva, similar a qualquer outro objeto para a consciência espontânea. Ele não se limita ou se esgota em seus estados, mas é continuamente constituído pelas consciências reflexivas que o produzem. Sartre destaca que o ego é um constructo virtual de unidade criado e mantido pela consciência reflexiva, mas que, paradoxalmente, a própria consciência não percebe o ego como uma parte interna, mas como um objeto exterior com um núcleo de opacidade, exatamente como qualquer outro objeto transcendente.

Essa relação entre consciência e ego revela uma distinção fundamental entre o campo transcendental e o psíquico. A purificação do campo transcendental elimina a ideia de uma vida interior da consciência, reforçando a noção de que a consciência é transparente para si mesma, enquanto o ego se revela como um objeto externo e fechado. Esse entendimento não só aprimora

**Revista Interdisciplinar**

a compreensão sartriana da consciência, mas também delimita a fenomenologia e a psicologia, separando as esferas transcendental e psíquica.

Em suma, *A Transcendência do Ego* fornece uma base crucial para a filosofia fenomenológica de Sartre, ao negar a necessidade de um ego transcendental e afirmar a autonomia e a intencionalidade da consciência. A crítica sartriana não apenas nega a concepção tradicional de um ego interno, mas também estabelece as bases epistemológicas para a compreensão da consciência e sua relação com o mundo e, conseqüentemente, sua ontologia. Ao fazer isso, Sartre prepara o terreno para suas investigações posteriores, como suas obras sobre *A Imaginação* e *O Imaginário*, *Esboço Para uma Teoria das Emoções* e, finalmente, *O Ser e o Nada*, fechando este que pode ser considerado o arco de desenvolvimento do seu ensaio sobre Ontologia Fenomenológica.

**REFERÊNCIAS**

CARRASCO, Alexandre de Oliveira Torres. Breve Apresentação de “A Transcendência do ego—esboço de uma descrição fenomenológica”, de Jean-Paul Sartre. In **Cadernos Espinosanos** n.22. FFLCH. São Paulo, 2010.

CORREBYTER, Vincent. **Sartre – La Transcendance de l’Ego et autres textes phénoménologiques**. Librairie Philosophique J. VRIN. Paris, 2003.

CORREBYTER, Vincent. **Sartre face à la phénoménologie**. Ousia. Bruxelles, 2000.

DONIZETTI, Luciano. **A Filosofia de Sartre Entre a Liberdade e a História**. Editora Claraluz. São Carlos. 2010.

DONIZETTI, Luciano. O Eu é um outro – O circuito da ipseidade na filosofia de Sartre. In **Revista Ética e Filosofia Política**. Nº 14. Volume 1. Julho de 2011.

MENDONÇA, Cristiane Diniz. A Grande Recusa Sartriana. In **Crítica Marxista** n.23. IFCH. Campinas, 2006.

MOUILLIE, Jean-Marc. **Sartre – Conscience, ego et psychè**. Presses Universitaires de France. Paris, 2000.

MOUILLIE, Jean-Marc. **Sartre et la Phénoménologie**. ENS Editions. Lyon, 2001.

MOUTINHO, Luiz Damon dos Santos. **Sartre – Existencialismo e liberdade**. Editora Moderna. São Paulo, 1995a.



**Revista Interdisciplinar**

MOUTINHO, Luiz Damon dos Santos. **Sartre – Psicologia e Fenomenologia**. Editora Brasiliense. São Paulo, 1995b.

MOUTINHO, Luiz Damon dos Santos. O Dualismo Fundamental da Fenomenologia Sartriana. In: \_\_\_\_\_. **Questões de filosofia contemporânea**. Editora Discurso Editorial. São Paulo, 2006.

SARTRE, Jean-Paul. **A Transcendência do Ego**. Tradução Pedro M. S. Alves. Editora Colibri. Lisboa, 1994.

SARTRE, Jean-Paul. **A Transcendência do Ego**. Tradução: Alexandre de Oliveira Torres Carrasco. In: Cadernos Espinosanos n.22. FFLCH. São Paulo, 2010.

SARTRE, Jean-Paul. **A Transcendance de l'Ego**. Introduction, notes et appendices par Sylvie Le Bon. Librairie Philosophique J. VRIN. Paris, 1965.

SARTRE, Jean-Paul. **A Imaginação**. Tradução: Paulo Neves. Editora L&M Pocket. Porto Alegre, 2008.

SARTRE, Jean-Paul. **L'Imagination**. Editora Quadrige / PUF. 6ª Edição. Paris, 2007.

SARTRE, Jean-Paul. **O Imaginário**. Tradução Duda Machado. Editora Ática. São Paulo, 1996.

SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o Nada – Ensaio de ontologia fenomenológica**. Tradução: Paulo Perdigão. Editora Vozes. Petrópolis, RJ, 1997, 12ª Ed.

SARTRE, Jean-Paul. Uma ideia fundamental na fenomenologia de Husserl: a intencionalidade. In: \_\_\_\_\_. **Situações I**. Tradução: Cristina Prado. Editora Cosac Naify. São Paulo, 2005.

SILVA, Franklin Leopoldo. **Ética e Literatura em Sartre**: ensaios introdutórios. Editora UNESP. São Paulo, 2004.

